



PEA faz apitação contra uso de peles no SP Fashion Week

A ONG Projeto Esperança Animal (PEA) realizou no dia 22 (sábado) um protesto contra o uso de peles de animais durante a SP Fashion Week, em frente ao Pavilhão da Bienal no Parque do Ibirapuera.

São Paulo - Quatro ativistas da PEA, vestidas com biquínis, estavam caracterizadas como alguns animais que geralmente são as vítimas da moda: felinos, coelhos, focas e chinchilas. Estas ativistas carregaram cartazes contra o uso de peles de animais. Cerca de 50 dos mais de 700 ativistas da PEA foram convocados para o protesto. Eles soaram apitos e carregaram faixas, além de distribuírem panfletos contra o uso de peles de animais. Cartazes mostraram os animais vivos e suas carcaças depois de terem sido esfolados. Algumas espécies são criadas em cativeiros, inclusive no Brasil, e vivem em péssimas condições. O abate destes animais, geralmente com menos de doze meses de idade, é igualmente cruel. Outras espécies são retiradas de seus habitats naturais. Embora a caça seja proibida no Brasil, há inúmeros relatos de caça ilegal de animais e comércio de peles no Norte e Nordeste, já que o governo brasileiro não têm funcionários suficientes para a fiscalização.

Os estilistas brasileiros são muito talentosos e não precisam copiar a atrocidade de usar peles em seus desfiles, como alguns designers internacionais fazem em todas as suas coleções. A moda, principalmente no Brasil, deveria ser divertida, alegre, para cima, jamais poderia ser associada ao sofrimento e à morte. Fica até ridículo usar peles em um país de temperaturas tão amenas como o Brasil. Mesmo no hemisfério norte, onde o frio é extremo, já estão disponíveis tecidos de alta tecnologia que combatem com mais eficiência as baixas temperaturas. Queremos que a população brasileira diga não ao uso de peles de animais, diz a vice-presidente da PEA, Ana Gabriela Toledo.

Nas fazendas de criação, os animais passam suas vidas em gaiolas imundas e de tamanho inadequado. Têm feridas nas patas por se equilibrarem nos arames das jaulas, fraturas expostas, infecções respiratórias e tumores cancerígenos que jamais são tratados por veterinários. Adquirem comportamentos neuróticos, como andar em círculos. Algumas vezes, se auto-mutilam ou praticam canibalismo. Para não danificar a pele, há duas formas mais usuais de abate. A primeira, usada para animais de pequeno porte como coelhos e chinchilas, é a quebra da coluna cervical. O criador segura a cabeça do animal com uma mão e puxa o corpo com a outra. Eles se debatem e agonizam por cerca de cinco minutos. Outra forma é a eletrocussão genital ou anal. Uma ferramenta carregada eletricamente é introduzida no reto ou clípeada nos genitais, literalmente fritando os órgãos internos do animal. Eles sofrem paradas cardíacas, mas seus corações podem retomar os batimentos. Por isso, algumas vezes acordam enquanto estão sendo esfolados, sofrendo dores atrozes ainda vivos. Há outros métodos, como envenenamento, esmagamento de crânio, estrangulamento, espancamento e afogamento.

Animais silvestres têm seus membros presos em armadilhas e sofrem tanta dor que literalmente comem suas patas para tentar escapar. Incapazes de se alimentar, beber água ou de se defender contra predadores, passam dias presos. Muitos morrem antes mesmo de serem coletados pelo caçador. Se sobrevivem, são mortas a pauladas para que se evite qualquer dano à pele.

Focas canadenses- O governo canadense autoriza anualmente o abate de focas de menos de três meses de idade sob o pretexto de controle populacional. As focas, alegam as autoridades, seriam uma ameaça ao bacalhau, um peixe sob ameaça de extinção. Já foi documentado por cientistas, no entanto, que as focas se alimentam basicamente de lulas, que são predadores do bacalhau. Portanto, teriam uma ação benéfica na preservação do peixe. Na verdade, os bluebacks - filhotes de menos de 12 dias mortos geralmente a marretadas, em frente às suas mães-, são o alvo preferido dos caçadores porque sua pele branca e macia tem alto valor comercial. Em 2005, a cota do massacre será de um milhão de focas.

É possível proteger-se do frio e vestir-se elegantemente sem que seja necessário matar animais. Pessoas que usam peles são motivadas pela vaidade e pela necessidade de afirmação de status. Para elas, temos uma solução: usem orgulhosamente sintéticos, diz Ana Gabriela Toledo. (continua)

Há muitos tecidos naturais e sintéticos, de boa qualidade térmica, que substituem com vantagem a pele de animais. Algumas alternativas mais conhecidas são o algodão, o canvas, o náilon, o ultrasuede e fios de lã acrílica. Inovações tecnológicas recentes criaram tecidos que protegem contra o frio extremo como o Gore-Tex, o Thermolite, o Thinsulate, Primaloft, Tencel e o Polartec Wind Pro. A produção de um casaco de peles de animais gera grande desperdício de energia em comparação com a confecção de um casaco de pele sintética: gasta-se três vezes mais quando o animal é pego em armadilha e quarenta vezes mais se o animal é criado em cativeiro. As substâncias usadas para preparar as peles são grandes poluentes do solo arável e dos rios.